

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

**A RELAÇÃO PERSONAGEM, AMBIENTE E RAÇA EM *O
CORTIÇO* DE ALUÍSIO AZEVEDO**

IRACEMA DUARTE FILHA

**Cajazeiras
2008**

IRACEMA DUARTE FILHA

**A RELAÇÃO PERSONAGEM, AMBIENTE E RAÇA
EM *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO AZEVEDO**

**Monografia apresentada ao Programa de Pós-
graduação *latu sensu* Especialização em
Estudos Literários da Universidade Federal de
Campina Grande (UFCG).**

Orientador: Prof. D^o. Elri Bandeira de Sousa

**Cajazeiras
2008**



D812r Duarte Filha, Iracema.
A relação personagem, ambiente e raça em o cortiço de Aluísio Azevedo / Iracema Duarte Filha. - Cajazeiras, 2008. 34f.

Não Disponível em CD
Monografia(Especialização em Estudos Literários)
)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contem Bibliografia.

1. Estudos literários. 2. Azevedo, Aluísio-análise literária. 3. O cortiço - personagem raça e ambiente. I. Sousa, Elri Bandeira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 82.09

A relação personagem ambiente e raça em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo

Iracema Duarte Filha

Monografia aprovada em 06/11/2008 como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, da UFCG – Centro de Formação de Professores/ Unidade Acadêmica de Letras, com a nota 8,5 pela seguinte banca:

Orientador: Elvi Bandeira de Sousa

Andrey Pereira de Oliveira
(Argüidor(a))

Naelyza de Araújo Wanderley
(Argüidor(a))

A Deus sobre todas as coisas, ao meu pai (*in memoriam*), a minha mãe e a todos os meus familiares, com o mais profundo sentimento de gratidão, pelo amor, carinho e incentivo.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

“Graças te dou, ó Deus, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis e a minha alma o sabe muito bem;” (Salmo 139,14.)

Aos meus PAIS E MANOS, um a um, pela enorme contribuição nos meus estudos.

A todos os professores do Curso de Pós-graduação *LATU SENSU*, Especialização em estudos literários que no decorrer do curso deram-me orientação devida.

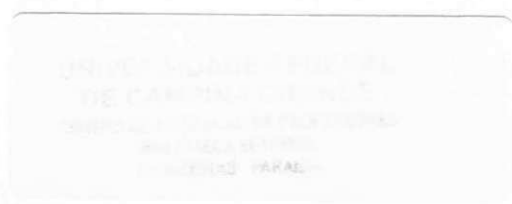
Ao Professor Doutor, Elri Bandeira de Sousa, por ter oferecido uma orientação tranqüila e segura, tornando prazeroso o percurso de construção deste trabalho.

Aos coordenadores e secretária do Curso de Pós-graduação, como também à Unidade Acadêmica de Letras pela atenção dispensada.

Aos colegas de curso pela amizade e colaboração indispensável.

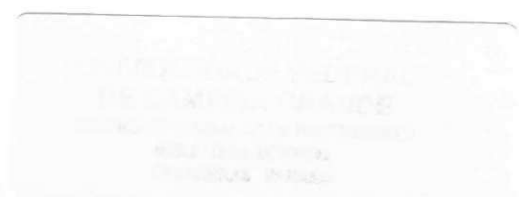
A todos que depositaram confiança na realização desta tarefa.

Muito grata.



“Cortiço foi o termo que as autoridades sanitárias passaram a utilizar quando desejavam estigmatizar em definitivo determinada habitação coletiva.”

(Sidney Chalhoub)



SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
1 INTRODUÇÃO.....	08
2 ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTÉTICOS DO NATURALISMO E A OBRA DE ALUÍSIO AZEVEDO.....	10
3 ELEMENTOS DO NATURALISMO NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM <i>O CORTIÇO</i> DE ALUÍSIO AZEVEDO.....	15
3.1 Foco narrativo.....	15
3.2 Os tipos sociais e as forças naturais instintivas em <i>O cortiço</i>	17
4 JERÔNIMO E RITA BAIANA: DO RACIONAL AO EMOCIONAL.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

DUARTE FILHA, Iracema. *A relação personagem, ambiente e raça em O cortiço, de Aluísio Azevedo*. 2008.

RESUMO

Este trabalho estuda a obra *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, um romance que retrata cenas urbanas em que lutam brasileiros (brancos, negros e mestiços) e portugueses, alguns na condição de exploradores, muitos na de miseráveis, viventes de uma habitação coletiva. A proposta é estudar como se projeta, na obra, a relação personagem, raça e ambiente, bem como as relações sociais sob a ótica determinista, uma das características do Naturalismo. O romance entrelaça as histórias dos moradores do cortiço São Romão, dentre eles o português Jerônimo, um trabalhador exemplar que vai aos poucos sucumbindo à natureza do Brasil, simbolizada pela mulata Rita Baiana. *O cortiço* é uma figura que representa mais que uma coletividade, representa o país inteiro.

PALAVRAS-CHAVE: determinismo - ambientalismo - personagem - Aluísio Azevedo.

DUARTE FILHA, Iracema. *The relationship character, environment and race in O cortiço by Aluísio Azevedo*. 2008

ABSTRACT

This study analyses the work *O cortiço* (1890), by Aluísio Azevedo, a novel which portrays urban scenes where fight Brazilian (white man, negroes and cross-bred) and Portuguese, some in the condition of explores, many in the of villains, livings creature of a collective habitation. The proposal is to study as if it projects, in the work, the relation character, race and environment, as well as the social relations under the deterministic optics, one of the characteristics of Naturalism. The novel interlaces the stories of the residents of the tenement São Romão, among them the Portuguese Jerônimo, an exemplary worker who goes to few succumbing to nature of Brazil, symbolized for the half-cast Rita Baiana. *O cortiço* is a figure that represents more than a collectivity, it represents the entire country.

KEYWORDS: determinism - environmentalism - character - Aluísio Azevedo.

1 INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho surgiu da leitura da obra *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Trata-se de um romance que busca retratar em sua estrutura interna a dinâmica e a realidade das classes populares que viviam à margem da sociedade do Rio de Janeiro, no final do século XIX. A narrativa decorre em torno de toda a sociedade que se forma no cortiço que motiva o título da obra. Tal ambiente se constrói de modo a dar ênfase às características propaladas pela visão cientificista do Naturalismo: o determinismo, com as personagens sendo produto do meio em que vivem; a crítica social, com a exploração do homem pelo homem; a zoomorfização (o homem comparado a animais) e na supervalorização do sexo.

A análise proposta se desenvolve em três capítulos que se fundamentam em alguns autores a exemplo de Afonso Romano Santanna, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Beth Brait, Émile Zola, Lúcia Miguel Pereira, Massaud Moisés, Milton Marques Jr. e Nelson Sodré.

O primeiro capítulo diz respeito aos aspectos históricos e est ticos do Naturalismo e a obra de Aluísio Azevedo. Nesse momento, contextualiza-se o Naturalismo como corrente literária baseada em teorias científicas da época, com grandes mudanças econ micas, político-sociais e culturais que explodiram na Europa em meados do século XIX. O primeiro capítulo ainda apresenta reflexões acerca da obra de Aluísio Azevedo, dando ênfase ao romance *O Cortiço*, o qual tematiza a influência que o ambiente exerce sobre o caráter e a a o das personagens.

O segundo capítulo tem como aprofundamento o estudo dos elementos do Naturalismo na constru o das personagens. De acordo com trechos retirados da narrativa em apreço, serão mostrados os grupos humanos, onde o que interessa é o conjunto e não as partes, focalizando-se mais as classes miseráveis, o cotidiano e as mazelas sociais. Observa-se que o narrador onisciente oscila entre a imparcialidade e a intrusão, fazendo de intromissões constantes e extremamente detalhadas, formas de conhecer as características físicas e psicológicas das personagens. A linguagem utilizada no romance   coloquial, simples e direta, com expressões vulgares e muitas sugestões visuais, olfativas, táteis e auditivas, as quais contribuem para a lentidão da narrativa. Objetivando precisão e fidelidade, o narrador não abre mão das minúcias na caracteriza o das personagens e ambientes, na observa o de atitudes e sentimentos. As descri es são cruas e os fatos ocorrem num cenário degradado moral e fisicamente. No ambiente do cortiço, as personagens servem de estudo da patologia da sociedade, em que raça e o meio são fatores determinantes.

Na análise que se segue, o terceiro capítulo atenta para a personagem Jerônimo, um português que passa por uma transição, de trabalhador diligente em vagabundo, influenciado pelo ambiente e pela aproximação à mulata Rita Baiana, adquirindo características do meio social em que esta vive. A degeneração do lusitano aponta para a possibilidade de transformação, assim como para a mudança de Rita que reclama o direito de melhorar sua raça pela mistura com o sangue português, sangue da raça branca, considerada superior, numa tentativa de “branqueamento” da pele negra.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTÉTICOS DO NATURALISMO E A OBRA DE ALUÍSIO AZEVEDO

As mudanças culturais, políticas e científicas que ocorreram na Europa, na segunda metade do século XIX, também conduziram o Brasil a importantes transformações que assinalam o início do Naturalismo: a imigração e o desenvolvimento da classe média urbana, a redução do comércio escravo, que favorecia um grande crescimento do trabalho assalariado, a industrialização e as campanhas abolicionistas provocaram mudanças políticas, econômicas e sociais no país. Os reflexos dessas mudanças impulsionaram o capitalismo e fizeram surgir os grandes centros industriais, atraindo uma massa operária que afluía às cidades em busca de trabalho e se infiltrava nos cortiços.

Motivada pelas mudanças que ocorreram em diversos setores, a literatura buscou novas formas de expressão. Os escritores naturalistas se empenharam em retratar a realidade de maneira objetiva, descrevendo os grupos marginalizados, valorizando a coletividade, cada vez mais em evidência devido às transformações que se estabeleciam no cenário mundial. Essa tendência literária tinha como projeto estético construir narrativas que corroborassem teorias científicas vigentes na época: o *determinismo*, de Hipólito Taine, que via o homem como uma máquina guiada pela ação das leis físicas e químicas, pela hereditariedade, pelo meio físico e social e pela história. As pessoas aparecem como produtos, como conseqüências de forças que lhes roubam o livre-arbítrio e as tornam peças de um jogo; o *evolucionismo*, de Charles Darwin, que afirma ser a seleção natural o meio de transformação das espécies; o *positivismo*, de Augusto Comte, para quem o único conhecimento válido é o que advém da observação do mundo físico.

Deste modo, essas teorias influenciaram profundamente a elaboração dos enredos e a construção das personagens do romance naturalista. O escritor dessa tendência literária analisa o indivíduo a partir dos componentes hereditários, da circunstância e do ambiente que determinam o seu comportamento, ao contrário do escritor do Romantismo que procura idealizar o homem e a natureza. Daí a preferência do Naturalismo por temas da patologia social – adultério, miséria, criminalidade, violência, desequilíbrio psíquico, promiscuidade sexual e o abandono da preocupação com aspectos morais.

No Brasil, o Naturalismo importou um modelo de romance europeu, sob a influência do francês Émile Zola (1840-1902), idealizador do Naturalismo a partir da obra *Thérèse*

O ano de 1881 foi o marco do Realismo - Naturalismo no Brasil, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (surgimento do Realismo), e *O mulato*, de Aluísio Azevedo (surgimento do Naturalismo). Veja o que diz Lúcia Miguel Pereira a respeito desse momento:

[...] o ano de 1881, foi dos mais significativos e importantes para a ficção no Brasil, pois que nele se publicaram as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis [...], e *O mulato*, de Aluísio Azevedo. [...] Havia [...] nesses dois livros de índole tão diversa um traço comum: em ambos triunfava **a observação**. [...] dois escritores patenteavam repentinamente uma liberdade até então desconhecida, e conferiam assim ao romance um novo alcance. Começou-se a escrever para procurar a verdade, e não mais para ocupar os ócios das senhoras sentimentais e de um ou outro cavalheiro dado a leituras frívolas. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 253, grifo do autor do texto original)

A partir desses dois escritores, pode-se apresentar o panorama da ficção brasileira, da segunda metade do século XIX. Enquanto Machado de Assis desenvolve um realismo psicológico em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Aluísio Azevedo cultivou o Naturalismo em três de seus romances: o primeiro foi *O mulato* (1881 – marco do Naturalismo), obra que retrata a burguesia maranhense dominada pelo preconceito e pelos dogmas religiosos. Nele é contada a vida do mulato Raimundo que, embora rico e culto, não consegue vencer o preconceito da sociedade. Com nítidos traços românticos, as ações estão vinculadas à trajetória do personagem principal. A obra é, “por isso, um quadro do ambiente do Maranhão, quadro em que existe muito do intencional e o tom de libelo, o teor acusatório, que era um traço peculiar do naturalismo [...]” (SODRÉ, 1976, p. 390). Seguindo essa trajetória, aparece *Casa de pensão* (1884), que descreve a vida nas pensões familiares da sociedade carioca. Trata-se da história de um estudante maranhense que se muda para o Rio de Janeiro e sucumbe ao meio depravado com o qual entra em contato, propício ao afloramento de suas taras hereditárias. Há aqui um aumento da preocupação com o ambiente, o das habitações coletivas, conhecido do autor.

É com o romance *O cortiço* (1890), considerado sua obra-prima, que o escritor chega ao ápice do domínio da técnica de interpretar a realidade brasileira da época, realçando o comportamento dos tipos humanos que vivem numa moradia coletiva. Assim como em *L'Assommoir*, de Zola, o narrador de *O cortiço* analisa e descreve com precisão conglomerados de pessoas de origem diversa, mas iguais na miséria, na promiscuidade, na ignorância. Esses tipos só se manifestam como uma consequência do meio, pois o grande personagem na verdade é o conjunto, ou seja, o cortiço. Os personagens modificam-se por

influências de suas relações com o meio em que a “ação resulta, não do desenvolvimento de uma personagem, mas da coexistência de várias” (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 251). Dessa forma, a habitação passa a ser a “personagem fundamental”, com elementos que ordenam e reordenam as trajetórias das várias personagens individuais. As cenas de *O cortiço* são seqüências objetivas. Os tipos fazem no conjunto a personagem mais convincente do romance naturalista. Nesse ambiente coletivo insalubre cruzam-se raças, chocam-se temperamentos, explodem a sensualidade, a violência e a exploração humana.

Sendo um romance de tese, *O cortiço* caracteriza-se principalmente pelo aspecto experimental, analisando o homem como um simples produto da hereditariedade e do meio em que vive. Aluísio Azevedo revelou nessa obra a capacidade de observador de costumes sociais do Brasil no fim do século XIX.

Falando sobre o talento de Aluísio de perceber os grupos humanos, Alfredo Bosi diz que este “ateve-se à seqüência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente” e “o poder de fixar conjuntos humanos como a casa de pensão e o cortiço dos romances homônimos constitui o legado para a ficção brasileira de costumes” (1994, p. 190). Ainda sobre a obra *O cortiço*, Nelson Werneck Sodré afirma:

[...] Pintando um cenário urbano, [...] no livro existe um conjunto de personagens vivas e nelas está perfeitamente fotografada a sociedade do tempo, com as suas mazelas e as suas chagas: o autor não se propõe solucionar os problemas dessa sociedade, mas sabe colocá-los, em suas verdadeiras dimensões. (1976, p. 391)

De fato, toda a trama do romance relaciona-se com o cortiço e sua gente. Por tratar-se de uma habitação coletiva, povoada por seres marginalizados, o narrador mostra o comportamento dessa coletividade. Faz uma crítica social, cujo papel é denunciar a podridão da sociedade, ganhando também um caráter documental, pois *O cortiço* passa a representar também o “Brasil em miniatura, onde brancos, negros e mulatos eram igualmente dominados e explorados” (CANDIDO, 2004, p.111). Apesar de os fatos estarem voltados para a realidade de uma comunidade fluminense, onde fervilham seres humanos bestializados pelos sentidos, *O cortiço* apresenta relações concretas do Brasil com seu mundo de pobreza e trabalho cercado de oportunistas, aproveitadores e ambiciosos que fazem semelhanças à realidade brasileira, pois ao invés de representar apenas o modo de vida de uma comunidade, passa a mostrar “aspectos que definem o país todo” (*op. cit.*, 2004, p. 111).

A obra marca desde o início da construção do cortiço formado por três casinhas, à conquista de terras e mais terras, “que se estendia pelos fundos da sua bodega: e à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores” do cortiço de João Romão (AZEVEDO, 2004, p.18). A morte do cortiço se dá pelo “imenso rebentão de fogo” na casa de nº 88. Dias depois o cortiço estava em obras, pois o incêndio o havia danificado. Agora o cortiço mudou de nome, “em vez de Estalagem São Romão lia-se em letras caprichosas: Avenida São Romão” (*op. cit.*, 2004, p. 200). Os novos inquilinos começavam a chegar, “que já não eram gente sem gravata e sem meias” (*op. cit.*, 2004, p.199). O cortiço foi feito à imagem de João Romão – seu proprietário: cresce, desenvolve-se e se transforma com ele. O incêndio no cortiço mudou os hábitos do seu dono e lhe trouxe a riqueza.

3 ELEMENTOS DO NATURALISMO NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO AZEVEDO

Em *O cortiço*, a abordagem naturalista é um componente indispensável na construção do ambiente e de personagens degradados. A obra denuncia a exploração do homem pelo homem, retratando a acumulação de capital, pintando o cenário de um cortiço. Nela o narrador fotografa a sociedade do fim do século XIX com as suas mazelas humanas e sociais.

3.1. Foco narrativo

Para dar apoio à teoria científicista, os autores naturalistas criaram narradores oniscientes impassíveis, do tipo que pode ver tudo e por todos os ângulos. Nas suas obras as descrições são precisas e minuciosas, frias e fiéis aos aspectos exteriores. As personagens são vistas de fora para dentro, como casos a estudar. Não há aprofundamento psicológico, e o que interessa são as ações exteriores e não os meandros da consciência.

O narrador de *O cortiço* está em terceira pessoa, é onisciente, mas não deixa de fazer intromissões constantes na narrativa:

E [Miranda] pôs-se a passear no quarto sem vontade de dormir, sentindo que a febre daquela inveja lhe estorricava os miolos.
Feliz e esperto era o João Romão! Esse, sim, senhor! Para esse é que havia de ser a vida!... Filho da mãe, que estava hoje tão livre e desembaraçado como no dia em que chegou da terra sem um vintém de seu! Esse, sim, que era moço e podia ainda gozar muito[...] (AZEVEDO, 2004, p. 29, grifo nosso).

Aqui, o narrador utiliza o discurso indireto livre sem as marcas dos travessões e a presença de verbos *dicendi* para julgar o comportamento de Miranda, o dono do sobrado ao lado do cortiço de João Romão, isto é, o narrador tem total acesso ao pensamento dos personagens sem se envolver com eles, o que lhe possibilita analisar, observar, distanciar-se do objeto em estudo e revelar dos fatos uma impressão de realidade. A linguagem de *O cortiço* é afinada com o estilo naturalista, ou seja, simples, e apresenta o ambiente físico e social detalhadamente, como se o narrador estivesse munido de uma

máquina fotográfica, que lhe permitisse compor e decompor os detalhes de cada cena, pretendendo retratar de maneira fiel a realidade focalizada.

O cortiço é tomado pelo narrador como o protagonista do romance, tratando de caracterizá-lo e descrevê-lo minuciosamente, como um verdadeiro personagem naturalista deveria ser descrito. Constata-se isso em uma amostra de uma passagem do livro que revela o amanhecer no cortiço:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.
Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. [...]. (*op. cit.*, 2004, p. 37)

Como exemplo de detalhamento de personagens como tipos sociais, temos:

Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pescoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro: era a força tranqüila, o pulso de chumbo. O outro – franzino, um palmo mais baixo que o português, pernas e braços secos, agilidade de maracajá: era a força nervosa; [...]. Um sólido e resistente; o outro, ligeiro e destemido; mas ambos corajosos. (*op. cit.*, 2004, p.119).

Esse trecho narra características de Jerônimo, o português que se apaixona por Rita Baiana, e descreve também o brasileiro Firmo, namorado da mulata. O português com seu porte de atleta enamora-se da garota e deixa o mulato brasileiro enciumado. Começa aqui uma competição entre Firmo, um ágil e franzino capoeirista com o robusto Jerônimo.

Numa freqüente narração impessoal e de descrições minuciosas, com muitas sugestões visuais, olfativas, táteis e auditivas, a linguagem de *O cortiço* está caracterizada pela adoção de uma postura analítica e científica diante da realidade, o que torna a narrativa lenta, como acontece na cena seguinte:

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; [...] No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. [...]. (*op. cit.*, 2004, p.37)

Constata-se, ainda, a maneira descritiva de uma denúncia da sociedade que “mostra o homem como um ser escravizado pelo meio, raça e época” (MARQUES Jr., 2000, p. 28), pois se observa a exploração do homem pelo homem, o problema da moradia popular, os conflitos humanos, termos que são vistos à luz dos princípios do Naturalismo.

3.2. Os tipos sociais e as forças naturais instintivas

Um dos valores maiores de Aluísio Azevedo retratados em *O cortiço* é sua facilidade em fixar conjuntos humanos, em fazer uma análise de tipos sociais. As personagens são moldadas de acordo com a realidade observada de fora pelo narrador sem idealizações, pois são pessoas comuns com todos os seus contrastes (beleza/feiúra, rudeza/requinte, etc.). Por isso, o comportamento das personagens decorre de causas biológicas e sociais que determinam suas ações.

Para os naturalistas, a personagem é condicionada pelo meio físico e social em que vive, nada podendo fazer contra o peso das influências externas, tornando-se vítima das leis naturais. O homem passa a não ter privilégio diante do animal, visto que todos estão sujeitos às mesmas leis, enfatizando-se a dimensão animal e a satisfação de necessidades materiais instintivas, assim como os condicionamentos hereditários, que induzem a personagem a ser desta ou daquela maneira.

No trecho já citado do capítulo III, p. 37, o narrador relata o despertar do cortiço, no qual acentua um processo em que não se diferenciam “objetos, homens, animais e vegetais”. Há uma identificação dos seres humanos com os animais, conferindo-lhes apelidos. Leandra, com “ancas de animal do campo”; Bertoleza “trabalha como um burro de carga”. Seguindo o modelo naturalista, o narrador vê todos, homens, mulheres, brancos e negros como animais, valorizando os instintos naturais, para relacionar o trabalho, o esforço do homem com a condição animal.

Um dos sentidos da palavra cortiço é “casa onde as abelhas se criam e fabricam o mel e a cera” (FERREIRA, 2000, p.190). Assim, dando sentido metafórico, tais quais as abelhas, que zumbindo se agrupam em torno do mel, homens e mulheres aglomeram-se em torno das bicas de água. Veja um trecho do capítulo III:

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos [...].

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. (AZEVEDO, 2004, p.37-8)

As pessoas vivem coletivamente, sem privacidade, como bichos, realizando suas necessidades físicas sem se ocultar, configurando-se situações de degradação humana, em que as personagens levam uma vida difícil, miserável.

A “Estalagem de São Romão”, isto é, o cortiço onde se desenvolve a narrativa, formado pelos grupos desprivilegiados, é transformado num lugar, onde vida e morte não valem muito, pois as personagens se deixam guiar pelos instintos, e são relacionadas como animais irracionais. Assim, o meio se revela como fator de conformação social. O que predomina é a intenção de mostrar, como o homem age sobre o meio e vice-versa. Deste modo, no ambiente do cortiço o indivíduo vive em função do meio e pode ser modificado pelo mesmo.

O jogo de interesses e o conflito social marcam a trajetória dessa trama e define como são estabelecidas as relações entre os grupos. A personagem João Romão é o mais autêntico representante da exploração alheia. Protótipo do português ganancioso, sua preocupação em fazer fortuna é tão grande que leva ao relaxamento da própria aparência, à sujeição ao desconforto e à auto-imposição de um regime de trabalho que ultrapassam muitas vezes o limite físico. Associa-se à escrava Bertoleza, “crioula trintona”, quando esta fica viúva. Ela também deseja “subir na vida” e, desta forma, chega a fazer economias para a sua liberdade, contando ao vendeiro sobre o dinheiro que juntou:

[...] E segredou-lhe então o que já tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. [...]. (*op. cit.*, 2004, p.16)

O vendeiro transforma Bertoleza em “animal de carga”, explora seu corpo e seu trabalho. Ela passa agora a ser sua amante, uma “mulher-objeto” que desperta no dono do cortiço o interesse sexual e também material. Ele lhe prepara uma carta falsa de alforria:

[...] a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de pespegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa, porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato; [...]. (*op. cit.*, 2004, p.17)

A ajuda à negra só tem fins egoístas. Além de ser enganada, continuava escrava. Enriquecer era o principal objetivo do vendeiro e para isso não media esforços, explorando a todos, sem nenhum escrúpulo. Juntamente com Bertoleza, João Romão dá início à construção do cortiço. Não foi fácil essa trajetória que se fez por meio de furtos, de muitas privações e da exploração tanto da crioula quanto dos inquilinos do cortiço, dos fregueses da venda e dos empregados da pedreira, através da má remuneração de salários, da obrigação de fazer com que eles morassem na sua estalagem e até comprassem na sua venda.

Durante toda a narrativa, Bertoleza permanece fiel a João Romão, o qual pouco à pouco galga posição social. Sua ambição desperta o desejo de crescer também culturalmente, influenciado pelo sucesso do vizinho nobre, o Miranda (negociante português, que mora no sobrado ao lado do cortiço). Começa a partir daí a operar-se uma transformação no vendeiro devido ao convívio que ele havia estabelecido com a família do outro. Foi graças a essa proximidade que João Romão pôde vencer as barreiras culturais e ambientais, visto que ele pertencia a uma classe considerada superior – o branco.

A posterior “aristocratização” de João Romão, atingida após uma profunda modificação em seu comportamento e em sua aparência física, embora revele a ação do meio sobre o comportamento humano e se apresente como consequência do evolucionismo, não deixa de se apoiar no pragmatismo da personagem que, após enriquecer, passa a alimentar o sonho de ganhar títulos nobiliárquicos. À medida que Romão vai evoluindo tanto na vida econômica quanto social, seu cortiço sofre modificações qualitativas. A ascensão do cortiço também é a mesma do seu dono. Mas precisava livrar-se de Bertoleza que para ele representava a miséria. Resolve o problema entregando-a ao filho do seu antigo dono. Ela o reconhece e percebe toda a trama, entende que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restitui-a ao cativoiro e que a sua carta de alforria era mentira. Ela, que estava certa de que tinha conseguido sua liberdade, percebe que fora enganada.

O racismo na obra é bastante pronunciado. Bertoleza chega a se desprezar por ser negra e se envergonha, sentindo-se como uma “mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara” (*op. cit.*, 2004, p.188) na vida de João Romão. Suicida-se ao perceber que não há, para sua vida, uma outra saída:

[...] Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recua de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. (*op. cit.*, 2004, p. 225)

Por meio de intrigas, explorações e mentiras, o vendeiro ascende socialmente e casa-se com Zulmira, a “doce existência dos ricos”, filha do Miranda. João Romão vence o meio e torna-se “quase um nobre carioca”, consegue o título de “sócio benemérito” abrindo, assim, as portas para a sociedade, um objetivo que queria alcançar. Constata-se o evolucionismo nessa narrativa, segundo o qual o forte vence o mais fraco.

Tomando como base os modelos científicos, característica do Naturalismo, no sentido de que o homem era marcado pelo determinismo biológico e social, procurando comprovar essas teses, os naturalistas preferiam personagens mórbidas, adúlteras, psicologicamente desequilibradas, assassinas, bêbadas, miseráveis, doentes, prostitutas, homossexuais, etc. Os tópicos proibidos são descritos com detalhes:

— Sim! Sim! insistiu Léonie, fechando-a entre os braços, como entre duas colunas; e pondo em contato com o dela todo o seu corpo nu.
Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas inquietas sobre o seu mesquinho peito de donzela impúbere [...]. (op. cit., 2004, p.130)

É apresentada aqui uma descrição minuciosa do homossexualismo feminino, no caso, entre Léonie, uma prostituta, e Pombinha, “a flor do cortiço”. Léonie a seduz com presentes e iniciativa homossexuais.

O homossexualismo masculino também é retratado na narrativa:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; [...].(op. cit., 2004, p.42)

Tentando “focalizar de perto as distorções morais que se geram no âmbito das comunicações promíscuas” (MOISÉS, 2002, p. 254), no caso de *O cortiço* é que o narrador descreve personagens que para “crescer na vida” se prostituem. Gera-se, portanto, uma dúvida: personagens como Léonie e Pombinha tinham certas “tendências”, que se inclinavam para uma herança biológica, levando-as à prostituição, ou foram influenciadas pelo meio em que vivem?

Para ascender socialmente, Léonie deixou o cortiço e teve que prostituir-se, alcançando

um certo “status”, o que lhe permitia “desfilar com os amantes pelas ruas e teatros com a mesma leveza como regressa ao cortiço para ver sua afilhada” (AZEVEDO, 2004, p.102). Ela saíra do cortiço e enriquecera “vendendo seu corpo”, mas nem por isso, deixa de visitar seus antigos amigos, pois conservou o “trânsito livre” e, nas suas visitas ao cortiço, ela era recebida com cochichos e admiração diante de tanto luxo que a envolvia. Logo ficava cercada de gente e na presença de todos chegava a louvar os preceitos morais. O narrador cria uma situação irônica, uma vez que Léonie era “prostituta de casa cheia”, mas, pregava os “bons costumes”:

E, enquanto Juju percorria a estalagem, conduzida em triunfo, Léonie na casa da comadre, cercada por uma roda de lavadeiras e crianças, disqueteava sobre assuntos sérios, falando compassadamente, cheia de inflexões de pessoa prática e ajuizada, condenando maus atos e desvários, aplaudindo a moral e a virtude. (*op. cit.*, 2004, p. 103)

O interesse de Léonie em visitar o cortiço era ver sua afilhada Pombinha, tida como “a flor do cortiço”, que, apesar do meio em que vive, teve uma educação que a colocava em destaque, visto que tinha estudado. Mesmo depois que seu pai morreu, sua mãe, Dona Isabel, crucificou-se para educar a filha: “não permitia lavar, nem engomar mesmo porque o médico o proibira expressamente” (*op. cit.*, p. 41). Muito querida pelo povo do cortiço, era ela quem escrevia as cartas e lia jornais para quem quisesse ouvir. Se a encontrassem na missa não perceberiam que ela morava no cortiço, pela maneira de se vestir e se comportar. Era protegida por uma redoma. Entretanto, a proteção da mãe, a consideração da comunidade onde mora, ou a sua formação religiosa – apesar da sua fé sincera, como se fosse uma guardiã contra o mal; não conseguiram fazê-la enxergar a manifestação de sedução do comportamento de Léonie, “com extremas solitudes de namorado” (*op. cit.*, 2004, p.129). Pombinha foi pelo próprio pé, meter-se na casa da cocote, um local ideal que ajudaria a desencadear os elementos da natureza da personagem: a força do meio desperta-lhe os recursos genéticos que Hipolite Taine apregoa como determinantes do comportamento humano, junto com o mesmo meio e o momento (circunstância).

No início da narrativa, Pombinha era impedida de se casar porque “não tinha pago à natureza o cruento tributo da puberdade”. Mas, Léonie seduz a moça e, após a iniciação sexual, sai de suas entranhas “o primeiro grito de sangue”. Depois que se tornou mulher, ela compartilha do desejo sensual de Jerônimo em relação à Rita Baiana, do

momento de intimidade entre Leocádia e o rapaz do sobrado ao lado do cortiço, o Henriquinho, da concupiscência animalesca do Miranda, etc.:

Uma aluvião de cenas, que ela jamais tentara explicar e que até aí jaziam esquecidas nos meandros do seu passado, apresentavam-se agora nítidas e transparentes. [...]

Num só lance de vista, [...] sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros. E viu o Firmo e o Jerônimo atassalharem-se como dois cães que disputam uma cadela da rua; e viu Miranda, lá defronte, subalterno ao lado da esposa infiel, que se divertia a fazê-lo dançar a seus pés seguro pelos chifres; (*op. cit.*, p.140-141).

A moça vivenciou fatos que condicionaram a sua transformação. Nela despertou um outro valor: a mulher pode mais do que o homem, como se lê nas passagens:

[...] Pombinha pousou os cotovelos na mesa e tulipou as mãos contra o rosto, a cismar nos homens.

Que estranho poder era esse, que a mulher exercia sobre eles, a tal ponto, que os infelizes, carregados de desonra e de ludíbrio, ainda vinham covardes e suplicantes mendigar-lhe o perdão pelo mal que ela lhes fizera?...

[...] E continuou a sorrir, desvanecida na sua superioridade sobre esse outro sexo, vaidoso e fanfarrão, que se julgava senhor e que no entanto fora posto no mundo simplesmente para servir ao feminino; [...] ao passo que a mulher, a senhora, a dona dele, ia tranqüilamente desfrutando o seu império, endeusada e querida, prodigalizando martírios, que os miseráveis contritos, a beijar os pés que os deprimiam e as implacáveis mãos que os estranguláveis.

_ Ah, homens! homens!... sussurrou ela de envolta com um suspiro. (*op. cit.*, 2004, p. 140- 141)

Pombinha casa-se e sente incapaz de submeter-se a uma vida familiar; torna-se adúltera, sendo entregue pelo marido à mãe. Desde já, prostitui-se, passando a sustentar sua mãe “com os ganhos da prostituição”:

[...] Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra: a sua infeliz inteligência nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. (*op. cit.*, 2004, p. 218)

Aqui, o narrador trabalha a ideologia naturalista, segundo a qual o homem é produto do meio e Pombinha foi influenciada pelo ambiente, pois o cortiço e logo depois a casa de Léonie tiveram “inspiração” para a sua vida de prostituição. A moça deixa seu lado angelical para assumir a imagem da serpente, a serviço do determinismo social que conduz o destino de Pombinha. O Naturalismo “acentua a supremacia do feminino sobre o masculino, da fêmea sobre o macho” (SANTANNA, 1984, p.113). Para Léonie, os homens existem para “servir ao feminino” e Pombinha, de agora em diante, passa a acreditar nisto: “Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis [...] tornaram-se uma só cobra de duas cabeças” [...] (AZEVEDO, 2004, p. 218).

Para infundir mais a idéia de que o homem é produto do meio, o caso se repetirá com Senhorinha, filha de Jerônimo e Piedade. Haverá então um círculo vicioso no qual a cadeia continuava interminavelmente: “o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria” (*op. cit.*, 2004, p. 219), pois sua mãe, ao ser abandonada e trocada por Rita Baiana, havia se relaxado. Pombinha tomou Senhorinha como “sua protegida predileta, votava agora, por sua vez, uma simpatia toda especial, idêntica à que em outro tempo inspirara ela própria à Léonie”.(*op.cit.*, 2004, p. 219)

Ao escrever sobre a prostituição, Aluísio Azevedo acaba endossando valores ideológicos, segundo os quais o homem é produto do meio, sem dar importância às desigualdades sócio-econômicas porque passa uma sociedade mesmo porque a obra cumpre as posturas naturalistas seguindo o modelo europeu.

4 JERÔNIMO E RITA BAIANA: DO RACIONAL AO EMOCIONAL

Os naturalistas acreditavam que o indivíduo é mero produto da hereditariedade e seu caráter é fruto do ambiente em que vive e sobre o qual age. Cumprindo as leis naturais do meio e da raça é que se pode apresentar Jerônimo, uma personagem que passa por transformações ao longo da narrativa.

Jerônimo era um português forte, trabalhador e honesto, chega ao Brasil com idéias de ascensão, trazendo consigo uma filhinha e sua mulher Piedade, e passa a trabalhar em uma fazenda onde “tinha que sujeitar-se a emparelhar com os negros escravos e viver com eles no mesmo meio degradante, encurralado como uma besta, sem aspirações nem futuro, trabalhando eternamente para outro” (AZEVEDO, 2004, p. 56). Insatisfeito, resolve abandonar tal atividade e rumar para a Corte onde, conforme os patrícios, o homem disposto consegue colocar-se bem. Chega ao cortiço com intuito de enriquecer. Vivia para a mulher e a mulher também vivia para ele.

O V capítulo narra a mudança de Jerônimo e família à comunidade, o que se deu sob comentários e cochichos das lavadeiras. Após alguns meses o casal foi conquistando a total confiança do povo do cortiço, por ser sincero, de caráter sério e respeitável. Tinha vida simples e sua filha estudava num internato:

Aos domingos iam às vezes à missa ou, à tarde, ao passeio público: nessas ocasiões, ele punha uma camisa engomada, calçava sapatos e enfiava um paletó; ela o seu vestido de ver a Deus, os seus outros trazidos da terra, que nunca tinham ido ao monte de socorro, malgrado as dificuldades com que os dois lutaram a princípio no Brasil. (*op. cit.*, 2004, p.57)

Todo o capítulo faz referências às virtudes de Jerônimo. É comparado a um Hércules, tipo clássico-mitológico, robusto, que tinha bastante força e realizara grandes feitos. O português era racional, pensava nos valores morais, ligado às tradições lusitanas, à família e ao trabalho. Trabalhava duro na pedreira de João Romão e se distinguia entre os outros operários, de modo que “o patrão o converteu numa espécie de contra mestre” (*op. cit.*, 2004, p. 56). Ele tinha “a força de touro”.

Jerônimo era um homem honrado, comedido e mantinha um comportamento saudosista de imigrante português, pois buscava ser fiel às origens, o que se revela no hábito de sentar-se à porta, dedilhando os fados de sua terra natal. “Era nesses momentos que dava plena expansão às saudades da pátria, com aquelas cantigas melancólicas em que a sua alma de

desterrado voava das zonas abrasadas da América para as aldeias tristes da sua infância”. (*op. cit.*, 2004, p.59).

Mas, Jerônimo começa a sofrer influência do ambiente sensual e desregrado que é o cortiço. Tudo começou quando depois de passar uma temporada com seu namorado Firmo, Rita Baiana, uma sedutora mulata brasileira (raça e meio) retorna ao cortiço, e essa volta é marcada por uma festa, na qual Rita acaba despertando a paixão do português quando pula na roda para dançar:

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. (*op. cit.*, 2004, p.77)

Jerônimo se encanta com a dança de Rita, o que provoca ciúmes em Firmo. “É o fado português de Jerônimo se batendo contra o choro brasileiro do capoeirista Firmo”. (MARQUES Jr., 2000, p. 239). Hábil na capoeira, Firmo abre a barriga do rival com uma navalha, fugindo logo depois. O português vai para o hospital e quando sai chama os amigos e vão à “praia da Saudade”, onde matam o outro a pauladas.

Aos poucos o cavouqueiro vai se envolvendo com o ambiente. Segue a transformação de Jerônimo, de um português vigoroso em um brasileiro malandro e preguiçoso (seguindo os preceitos naturalistas de que o meio determina o homem). Ele “abrasileira-se”, após a mudança para o cortiço, mas o “gérmen da mudança de Jerônimo” (MARQUES Jr., 2000, p. 239) foi a sua paixão pela mulata, que era apegada a pagodes. Esse processo ocorreu lentamente, porém foi definitivo, como se pode constatar:

Uma transformação lenta e profunda, operava-se nele, dia-a-dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; [...]. (AZEVEDO, 2004, p. 91)

Pode-se dizer que, enquanto João Romão enriquece no Brasil, pois procurou dominar o meio, não se deixou seduzir, mantendo o objetivo de vencer na vida. Jerônimo vem ao país para trabalhar e também enriquecer. No entanto, este se deixa dominar pelo meio, ou seja, seduzir pelos prazeres da vida, representados pela mulata Rita e pela bebida. Esquece-se dos hábitos portugueses e adota uma prática mais brasileira. Segundo o narrador, abandona o trabalho duro, passa a beber café, parati (pinga), a participar de rodas de samba, torna-se luxurioso. Embora possa soar preconceito, o que se pretendia era mostrar as diferenças raciais e de que maneira o meio pode influenciar a vida do indivíduo, visto que a narrativa se passa no cortiço, descrito como um local promíscuo, aproximando a vida dos homens à vida animal, pois o português cede à sedução de Rita Baiana, ao vê-la dançando no meio de uma roda de “chorado”. A extrema sensualidade da dança de Rita tem toques de animalização. Algumas metáforas associam-na a animais: cobra, lagarta, muriçoca.

Logo após abandonar a família, Jerônimo vai viver com a mulata e começa a endividar-se, aproximando-se da imagem do malandro carioca. Passa a rejeitar a culinária de sua terra, deixa a guitarra de lado. O canto daquele instrumento estrangeiro, um lamento choroso e dolorido vai ser substituído pela alegria da música brasileira. Jerônimo utiliza sua guitarra que é um elemento da cultura portuguesa, submetendo-a à cultura do meio, pois a utiliza somente para procurar acompanhar as modinhas que Rita canta. E em “noites de samba, ele era o primeiro a chegar e o último a ir embora” (*op. cit.*, 2004, p. 95)

Observa-se no capítulo IX, que o português pede à mulher, Piedade, que passe a tomar banho todos os dias, uma vez que o clima no Brasil era diferente do de Portugal. Daí, o narrador descreve a mulata em oposição à portuguesa, dizendo que “toda ela respira o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas”. (*op. cit.*, 2004, p. 61)

A esposa de Jerônimo também sofre transformação. Embora tenha lutado contra as influências do cortiço, inicialmente consegue: mantém-se ilesa aos vícios e prazeres mundanos:

A mulher chamava-se Piedade de Jesus; teria trinta anos, boa estatura, carne ampla e rija, cabelos fortes de um castanho fulvo, dentes pouco alvos, mas sólidos e perfeitos, cara cheia, fisionomia aberta; [...],[...] muito diligente, sadia, honesta, forte, bem acomodada com tudo e com todos, trabalhando de sol a sol e dando sempre tão boas contas da obrigação, [...]. (*op. cit.*, 2004, p. 54-56)

O narrador mostra Piedade como uma mulher modelar, nos padrões do patriarcalismo. Aquela que é subserviente, obediente, honesta, correta, fiel, sem qualquer vaidade, vive para o marido e em função dele. Seu perfil era o oposto de Rita Baiana e de outras mulheres fortes e decididas que viviam no cortiço. Nostálgica, ela conservava os hábitos e a rotina de sua terra natal, não deixava se envolver pelo meio, mantinha suas tradições e a esperança de crescer junto com o seu marido.

Mas ela é vencida pela força do meio e, quando o marido se envolve com Rita, tenta driblar a dor da perda, somada às más-influências, à briga com Rita Baiana e a miséria. Assim, a portuguesa conhece os prazeres da embriaguez:

[...], Piedade de Jesus, sem se conformar com a ausência do marido, chorava o seu abandono e ia também agora se transformando de dia [...]. Deu para desleixar-se no serviço [...] fez-se madraça e moleirona. [...] aconselharam-lhe que tomasse um trago de parati. Ela aceitou o conselho [...]; e, gole a gole, habituara-se a beber todos os dias o seu meio martelo de aguardente, para enganar os pesares. (*op. cit.*, 2004, p. 191-192)

Há uma oposição entre as personagens Rita Baiana (brasileira) e Piedade (portuguesa). Elas se atacam numa disputa por um homem, e se diferenciam pela cor, pelo cheiro, pelos hábitos de vida e também pela linguagem.

Esse triângulo amoroso gera um conflito no romance: o desfecho é a morte de Firmo pelas mãos de Jerônimo; Piedade, abandonada pelo marido, passa a ter muitas dificuldades financeiras e, com isto, sua filha Senhorinha é adotada por Pombinha, fato semelhante ao que ocorrera entre esta e Léonie no passado. Está aberto o caminho para a prostituição de Senhorinha.

Para Piedade de Jesus, só resta após a perda do marido, lamentar-se diante dos infortúnios da vida, como se pedisse piedade a Jesus, acentuado no seu próprio nome.

Quando ela perde o marido, revolta-se contra a natureza que excitou aquela mudança no esposo:

[...] não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Parecia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não. (*op. cit.*, 2004, p. 173)

Fiel ao seu homem e aos seus princípios, ela tinha absoluta certeza de que ele fora seduzido pela vulgaridade de Rita. Para ela, seu marido era apenas uma vítima. Jerônimo se envolveu com a mulata que simboliza o Brasil. Ele “cedeu à atração da terra, dissolveu-se nela e com isso perdeu a possibilidade de dominá-la” (*op. cit.* p. 191). Segundo CANDIDO, ao “agir como brasileiro redundava para o imigrante em ser como brasileiro” (2004, p. 119), e à proporção que se entrega ao amor de Rita, o lusitano vai sendo absorvido pela terra, até mudar completamente a sua personalidade.

Todas as metáforas usadas para descrever a mulata dão idéia de dominação do elemento brasileiro sobre o português. É a mulher brasileira que enfeitiça e mantém sob seu domínio o português, antigo colonizador. Desta forma, o narrador apresenta a mulata na visão de Jerônimo, utilizando metáforas referentes à natureza brasileira.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não se torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o azeite de fogo; era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, [...] (AZEVEDO, 2004, p. 77-78)

Nessa descrição Rita é a própria natureza tropical brasileira. Como uma mulher mestiça, é um tipo que inspira sensualidade. A mulata é a verdadeira nativa do Brasil, o produto e o reflexo do seu ambiente natural. O narrador usa conotações sensuais, típicas de heroínas do Naturalismo, condicionando-a aos fatores de raça e ambiente. Rita era cheia de prazer, característica atribuída à mulher de cor desde o início da sociedade brasileira, que cedeu lugar à mulata ao se mostrar mais bela nas feições e mais exótica que a negra. A forma como Rita é representada fisicamente é marcada por vários adjetivos, utilizando-se a sinestesia como figura de linguagem para descrever as sensações provocadas pelos gostos, cheiros e imagens emanados pela mulata. A figura da serpente, utilizada na sua caracterização: “feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher” (*op. cit.*, 2004, p. 77), é tomada como símbolo temático da sexualidade e do erotismo. A serpente está associada ao pecado original, pois hipnotiza e seduz o homem.

Toda a descrição da mulata segue a teoria naturalista. Um determinismo que impõe ao indivíduo características e sobre o qual ele não exerce nenhuma defesa, pode ser uma análise fria e imparcial da sociedade ou também um preconceito racial, que coloca a mulata como

estereótipo de satisfação sexual masculina. Preconceito que a retrata degradada em um ambiente sexualizado e desvantajoso socialmente. A narrativa ressalta que a baiana é sensual, rebelde e independente. Oprime e seduz os homens, colocando abaixo a idéia do modelo patriarcal da sociedade em que a mulher era apenas objeto. Ela critica o casamento e se amasia com Jerônimo, o que é apresentado como uma opção dela, que acredita que o marido escraviza sua esposa.

— Casar? protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? livra! Para quê? para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!

E sacudiu todo o corpo num movimento de desdém que lhe era peculiar. (op. cit., 2004, p. 62)

Embora não tivesse qualquer ideal, pois era volúvel, Rita levava uma vida de pândegas, ambicionava possuir o português e ser possuída por ele: “[...] desde que Jerônimo propendeu para ela, [...] o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração [...] preferiu no europeu o macho de raça superior” (op. cit., 2004, p.165). É na ambição de se unir à raça branca considerada superior que o paradigma naturalista, adotado em *O cortiço*, fica evidente, acompanhado pela imposição do meio. Quando notou que Jerônimo a queria, Rita tratou logo de largar Firmo e preferiu o europeu, para melhorar sua raça. Essa escolha sintetiza a seleção natural denominada de evolucionismo, pois Jerônimo era um homem bem disposto e branco.

Rita é o símbolo do Brasil de campos escaldantes que penetrou na alma de Jerônimo, oriundo de Portugal, um país de terras frias. O português era um homem forte em sua rigidez moral, contudo perdeu sua antiga fibra levando uma vida indisciplinada. O sol, a natureza, a sensibilidade e o calor da mulata modificaram o modo de viver do lusitano. Antonio Candido, em *O discurso e a cidade*, faz explicação que é concernente ao tema:

O abasileiramento de Jerônimo é regido quase ritualmente pela baiana, que o envolve em lendas e cantigas do Norte, dá-lhe pratos apimentados e o corpo “lavado três vezes ao dia e três vezes perfumado com ervas aromáticas”; e este abasileiramento é expressivamente marcado pela perda do “espírito da economia e da ordem”, da “esperança de enriquecer”. É que a sua paixão violenta é apresentada pelo romancista como conseqüência das “imposições mesológicas”, sendo Rita “o fruto dourado e acre destes sertões americanos”. Sob tal aspecto há n^o *O cortiço* um pouco de *Iracema* coada pelo Naturalismo, com a índia = virgem dos lábios de mel + licor da jurema, transposta aqui para a baiana = corpo cheiroso + filtros capitosos, que derrubam um novo Martim Soares Moreno finalmente desdobrado, cuja parte

arrivista e conquistadora é João Romão, mas cuja parte romântica e fascinada pela terra é Jerônimo. Iracema e Rita são igualmente a Terra. Lá, com filtro da jurema, aqui, com o do café, que tem um sentido afrodisíaco e simbólico de beberagem através da qual penetram no português as seduções do meio: “[...] a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores”. (CANDIDO, 2004, p. 120-121)

A atração do português pela mulata é causada pela tropicalidade, a natureza brasileira que foi fundamental para sua mudança. Mas não é só a natureza que justifica a transformação. As diferenças raciais também têm um peso considerável, pois a sensual Rita é mulata. Ela representa a raça desagregadora. “No Brasil, quero dizer: n’ *O cortiço*, o mestiço é capitoso, sensual, irrequieto, fermento de dissolução que justifica todas as transgressões e constitui em face do europeu um perigo e uma tentação”. (*op. cit.*, 2004, p. 118)

Rita e Jerônimo se atraem impulsionados pelo determinismo do meio e do sangue (raça). O desejo pela mulata é um dos fatores da queda do lusitano, que “abrasileirou-se”, como afirma o narrador. O erotismo de Jerônimo demonstra que ele cedeu aos instintos e nivelou-se aos nativos da terra. Este seu erotismo atraiu o brasileiro, no caso, representado pela mulata Rita, porque o português pertencia à “raça superior”, a branca.

O narrador demonstrou aspecto de Jerônimo que ele mesmo não sabia, como na descrição do início dos sentimentos que o Português nutre pela brasileira ao vê-la dançar. “Isto era o que Jerônimo sentia, mas o que o tonto não podia conceber [...] só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez [...]” (AZEVEDO, 2004, p 78). Como seguidor de teorias científicas, o narrador pode saber o que influencia uma personagem; mas, como razão do experimento, essa personagem, não tem ciência do que lhe vai acontecer.

No início da narrativa, Jerônimo era bastante equilibrado, aos poucos sofre uma grande transformação, pois, influenciado pelo novo meio geográfico (Brasil) e social (a comunidade) em que se integra, chegando ao ponto de perder a razão e a sensatez que haviam impressionado os moradores do cortiço. Portanto, essa mudança é produto de um “abrasileiramento” da personagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, pode-se dizer que o narrador de *O cortiço*, seguiu os passos da escola naturalista, pois apresenta uma análise social onde cenas coletivas fazem no conjunto do cortiço a personagem principal. *O cortiço*, embora composto por personagens individualizados, cada um com sua história de vida própria, passa a ser uma comuna, resultante da mistura orgânica entre a “terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a fervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, [...]” (AZEVEDO, 2004, p.27). Essa estrutura que agita e pulsa a vida, funciona como um laboratório a céu aberto, pois o ambiente do cortiço e os seus personagens são reduzidos à condição de documentos humanos. Servem como estudo da “patologia” da sociedade, em que a raça e o meio têm muita importância.

De acordo com as teses do Naturalismo, as personagens de *O cortiço* foram criadas não através da idealização, mas retratadas como tipos concretos, procurando interpretar o caráter dessas personagens, pois cada uma delas reage conforme suas características pessoais e com o ambiente em que vive. Suas atitudes são apresentadas numa explicação lógica, considerando a soma de fatores externos que justifiquem suas ações. No romance, enfatiza-se o instinto, o meio ambiente e a hereditariedade como forças determinantes no comportamento dos indivíduos. O narrador coloca as personagens como produtos do meio e o cortiço é um ambiente influenciável, pois é uma comunidade que apresenta todo tipo de promiscuidade.

Por ser um romance naturalista, há, em *O cortiço* descrição da pobreza, além dos tópicos até então proibidos como: o homossexualismo, a prostituição, a sensualidade da mulata, e ainda a ganância de poder e ambição do enriquecimento fácil. O ser humano é apresentado sob efeito de seus instintos e sobre a causa condicionadora do meio natural e social do indivíduo. Ao escrever sobre a realidade de um cortiço, afasta-se da problemática da desigualdade social e econômica e endossa os valores ideológicos da época, meado do século XIX. Como obra ideológica, *O cortiço* cumpre à risca os preceitos naturalistas seguindo de perto o modelo europeu importado por alguns de nossos escritores.

Pode-se chegar a conclusão de que Aluísio pintava a sociedade da época, em aspectos que não são muito diferentes da atual. O autor procurou fazer um retrato fiel do contexto brasileiro do século XIX, sem no entanto, copiá-lo, pois a ficção imita a realidade. As transformações ocorridas na narrativa é o que interessa. O objetivo era mostrar que o

ambiente determina o comportamento humano e influencia o aspecto moral e social das personagens envolvidas.

A mistura de raças, o capitalismo selvagem, a força da sensualidade e a crítica à sociedade, tudo faz com que *O cortiço* seja uma obra que narra aspectos do Brasil, e, portanto, “é ao mesmo tempo um sistema de relações concretas entre personagens e uma figuração do próprio Brasil” (CANDIDO, 2004, p. 119). O personagem Jerônimo foi aos poucos transformado pelo ambiente (meio) do cortiço e pela sensual mulata, Rita Baiana (raça). O sol, a natureza, a influência do meio e os encantos da mestiça brasileira agem sobre o cavouqueiro de forma degradante. O determinismo se impôs tanto no lusitano, como em Rita, cuja raça é símbolo da sensualidade brasileira que atrai Jerônimo. A mulata é a própria natureza tropical do Brasil, que seduz o português. Piedade a esposa deste, também se deixou influenciar pelo meio, pois depois que foi trocada por Rita, adota a prática da embriaguez e passa pela decadência física.

O estudo deste romance é de suma importância para se entender o que a sociedade enfrentava na época, visto que identifica uma visão crítica da realidade social e sua exposição de forma fotográfica, a partir dos princípios das ciências naturais conectadas a visão do determinismo biológico e social, a qual o indivíduo não tem liberdade, porque já nasce com tendências que o levarão ao crime, à prostituição, etc., e por outro lado, é influenciado pelo meio em que vive.

Pode-se perceber na construção dos personagens a utilização dos princípios do Naturalismo que Aluísio Azevedo adequou aos cânones desta escola literária. Mas, a principal importância na obra é o próprio cortiço que é a personagem fundamental. *O cortiço* é mais do que um documento sobre um subúrbio carioca de fins do século XIX, é um retrato do Brasil no contexto de uma sociedade escravista, mestiça, quase completamente iletrada e não raro miserável.